

“A ARTE UNIVERSAL SÓ É BOA QUANDO SE UNIVERSALIZA?”ⁱ

Prof^a Dr^a Olga Maria CASTRILLON-MENDESⁱⁱ
UNEMAT/Cáceres

Resumo:

No interior das representações a compreensão de conceitos ‘porosos’ (HALL, 2006) se inserem num sistema plural de significação, através do qual o sujeito se ressignifica no trânsito das figuras complexas de diferença e identidades. Nesse sentido é preciso analisar as convergências de fatores locais, ao mesmo tempo nacionais e universais que identificam uma literatura brasileira autônoma (CANDIDO, 1997 e 2000) que vai da noção de fundação à pluralização dos sistemas. Tomando por mote a questão do título, posta por este Simpósio, a presente comunicação busca romper as fronteiras dos espaços contraditórios das diferenças, re-vendo a falácia dos binarismos para compreender o conjunto da produção literária brasileira produzida em Mato Grosso (LEITE, 2005). Assim, não há respostas, mas questionamentos e hipóteses que têm conduzido a pesquisa em andamento.

Palavras-chave: Regional. Universal. Identidades de fronteira.

1 Introdução

É lugar comum considerar a produção artística universal e o artista ‘antena da raça’, para trazer um lugar teórico nada comum pensado por Barthes. No entanto, atitudes sociais e políticas insistem em marcar as diferenças, apesar da tentativa de alterar documentos e dispor sobre a **práxis** do ensino e da dita ‘arte regional’.

A Lei 12.287 de 13 de julho de 2010 que altera a LDB/1996 estabelece as diretrizes e bases da educação nacional no tocante ao ensino da arte. Leia-se:

O ensino da arte, **especialmente em suas expressões regionais**, constituirá componente **obrigatório** nos diversos níveis de educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos (Art. 21 § 2º), grifos meu.

Atitude louvável à parte compreenda-se os sentidos decorrentes do enunciado em questão. Primeiramente, a noção de obrigatoriedade. Algo que vem de fora para dentro, externo ao indivíduo, não um conceito central da formação humanística, ou como diz Antonio Candido, um direito humano. Os ditames da Lei postulam níveis de arte. Especialmente as expressões regionais serão **obrigatórias**, ou seja, conhecer o que cerca o indivíduo, partindo da leitura do mundo para o mundo da leitura.

Neste aspecto, levando em conta as diferenças que sinalizam para a derrocada da fronteira das manifestações artísticas que ajudam pensar as identidades que constituem o universo plural significativo da cultura humana é que se enfrentam as interrogações deste Seminário, uma das quais dá norte ao título desta comunicação: “A arte regional só é boa quando se universaliza?”. Que arte? Que universalidade (ou regionalidade)?

É bom que se diga que não pretendemos aqui, responder a nenhuma delas (e muito menos a que elegemos para reflexão), mas contribuir para ampliar o universo de significação que vem se solidificando em meio às muitas jornadas literárias no decorrer deste e de outros anos. É só atentar para a ementa dos vários seminários deste evento que se concentram na revisão de conceitos já

estratificados e com os quais temos lidado há algum tempo.

Sob essa perspectiva de um **projeto** para os novos tempos, que vise deslocar o pensamento apegado às dicotomias, o que mais tem incomodado os intelectuais (e que tem tido consequências positivas no comportamento, forma de pensar e de propor alternativas de pesquisas) é o crescente interesse pela diversidade em contraposição à utópica unidade historicamente reafirmada. Reunir, por exemplo, as “ilhas” regionais para compor um Brasil único, provou-se reducionista. Visconde de Taunay e alguns escritores de *transição* entre os séculos XIX e XX, como Franklin Távora e Euclides da Cunha mesmo não dando conta da pluralidade regional, multiplicaram a geografia, ou desgeograficaram as regiões, desintegrando a unidade, como aquela recriada por Mário de Andrade em *Macunaíma*, cuja gênese criativa encontra-se nas viagens amazônicas de *O turista aprendiz*. Ou seja, sem a manutenção dos limites na vastidão territorial latino-americana, os escritores deixaram pistas para o surgimento da consciência da multiplicidade regional como ocorreu com Guimarães Rosa, Mariátegui ou Arguedas, impondo resistências em que se encontram valiosa contribuição que reexamina todo o processo de conquista e de colonização.

Então o que se entende por mundo subdesenvolvido (em relação ao ocidente) está presente no que Antonio Candido defende por “consciência do subdesenvolvimento e a vontade de propor modificações das estruturas internas” (CANDIDO, 2006, p. 187), fato que Abdala Júnior ressalta quando chama atenção para o diálogo, as articulações que estão em nós “a partir de onde eu falo, de onde acesso o mundo”ⁱⁱⁱ. Sobre esse mundo (que é o nosso) é que se redesenham as fronteiras múltiplas que os preceitos da lei não dão conta de atender. Então, o dualismo dos conceitos em que se inserem tais discussões desenvolve-se para articular as questões/problemas sociais e os fatos literários numa perspectiva que atenda ao repertório particular.

No que diz respeito ao processo de formação da cultura brasileira, a ideia de civilização e barbárie, inculto e culto, americano e europeu dominou o período de conquista e colonização, passando por outros posicionamentos políticos e econômicos que deixaram marcas em sua própria elaboração. Mais contemporaneamente, o embate entre tradição, modernidade, pós-modernidade, centro e periferia desloca posturas dos pesquisadores, desmascarando a distancia que, muitas vezes se presentifica mais pela prática que pelos discursos. Perante o centro somos menores, mais empobrecidos o que tipifica a bipolaridade na América que Angel Rama denomina de “transculturação interna” em contraposição à “transculturação externa” (RAMA, op. cit., p. 295) exemplificadas pelo episódio de Canudos, mas que aparece anteriormente no conflito da guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai, embora com menor evidência, mas não menos avassaladora das culturas internas.

Os produtos culturais resultantes desse processo de tensão e de resistência traçam as particularidades da literatura conhecida como “regional” e sobre a qual se questiona, procurando, de certa forma, fazer com ela o que se faz na América Latina como um todo, principalmente através das reflexões de Angel Rama. Desta forma explica-se compreender a alteridade cultural e a consequente construção do imaginário brasileiro no contexto do imaginário latino-americano.

2 Nos entremeios de (onde) que se fala

O processo de formação da literatura brasileira registra particularidades que Antonio Candido procura equilibrar, referindo-se ao valor e à função das obras, especialmente ao se dedicar ao estudo daquelas consideradas “secundárias” que formam leitores de “gosto provinciano” (CANDIDO, 1997, p. 9). A posição de Candido é importante para se repensar posturas. Vejamos uma passagem muito conhecida do crítico na obra *Formação da literatura brasileira* (momentos decisivos), volume 1:

Comparada às grandes, a nossa literatura é pobre e fraca. Mas é ela, não outra, que nos exprime. Se não for amada, não revelará a sua mensagem; e se não a amarmos,

ninguém o fará por nós. Se não lermos as obras que a compõem, ninguém as tomará do esquecimento, descaso ou incompreensão. Ninguém, além de nós, poderá dar vida a essas tentativas muitas vezes débeis, outras vezes fortes, sempre tocantes, em que os homens do passado, no fundo de uma terra inculta, em meio a uma aclimação penosa da cultura européia, procuravam estilizar para nós, seus descendentes, os sentimentos que experimentavam, as observações que faziam, - dos quais se formaram os nossos (CANDIDO, 1997, p. 10).

Sem rodeios Antonio Candido atinge o âmago de uma questão bem nossa: revelar (ou não) o universo da produção intelectual não canônica através da leitura crítica. Ou seja, ao reconhecer as manifestações literárias não conhecidas estaremos “dando vida” à essência que constitui os sentimentos próprios, sem risco de “estilização”, mas contribuindo para a construção de um sistema literário.

Esse ponto leva a outro também essencial nessa discussão embora, como diz Leyla Perrone-Moisés, não se pretenda reduzir a uma delimitação de conceitos, mas o modo como o *corpus* literário entra na sua rediscussão, pois as fronteiras “na literatura ocidental são e sempre serão porosas”, tanto nos **centros**, quanto nas **periferias** (PERRONE-MOISÉS, 2007, p. 9-19), pois a literatura ocidental sempre foi supranacional (universalizante). Então, pensar os conceitos complexos (e até certo ponto gastos) pode-se dar pelos textos literários que dizem muito sobre identidade, alteridade, nação e cultura.

Em Mato Grosso, os primeiros grupos de interessados no “resgate” das manifestações culturais compilaram produções esparsas de membros do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, criado em 1919, e da Academia Mato-grossense de Letras, em 1921, a maioria escrita em periódicos.

A pioneira obra *História da literatura mato-grossense*, de Rubens de Mendonça (1970), constituiu o trabalho necessário para a sua época e, por mais de três décadas, foi a única fonte de pesquisa sobre a historiografia literária brasileira produzida em Mato Grosso, ao lado da *História da cultura mato-grossense*, de Lenine Póvoas (1982). Isto significa que, até 2001 e 2004, quando são editadas a *História da literatura de Mato Grosso: século XX*, de Hilda Magalhães e *Panorama da literatura e da cultura de Mato Grosso*, de Carlos Gomes de Carvalho, respectivamente, há um vazio que careceu de estudos verticalizados da produção literária do Estado. Não há, nessas produções preocupação teórico-crítica, mas um sentimento de pertencimento e a manifestação de um discurso marcadamente regionalista. Apenas na historiografia de Hilda Magalhães, já se questiona sobre a existência (ou não) de uma “literatura mato-grossense”. Desde então a literatura começa a adquirir características próprias, inaugurando um sistema literário já iniciado pelas Revistas Pindorama (1939), Ganga (1949) e os Jornais Arauto da Juvenília (1949) e Sarã (1951). Nesse aspecto da produção em periódicos, Mário César Leite mapeia a produção brasileira escrita em Mato Grosso, dizendo que

Esse grupo aparece, a princípio, como reação ao domínio, predomínio, do grupo anterior e não se opõe exatamente à produção ou ao discurso regionalista, mas sim à produção e ao discurso antigo, passadista. No Mato Grosso dos anos 40 aparecem os chamados modernistas. O embate desenvolve-se na configuração do **novo versus o antigo**, academicismo ou parnasianismo (ou até mesmo romantismo tardio e permanente) e os novos modernistas (LEITE, 2005, p. 242-243) grifos meus.

Visto desta forma, a produção não inova. Repete a forma, mas tenta-se a veiculação de um discurso. Escritores como Silva Freire, Wladimir Dias-Pino, Rubens de Mendonça, Gervásio Leite, Lobivar de Matos, entre outros, trabalham em torno da publicação de manifestos de vanguarda e buscam um lugar semântico de “renovação literária”. Portanto, são posições que começam a ser observadas à luz da **diferença**, mas ainda sob os influxos de intelectuais que se formavam nos centros de excelência como o Rio de Janeiro. Uns inovam no tema, outros na experimentação

linguística, realizando (ou tateando) as propostas das Revistas e movimentos ditos de vanguarda, postulando os primeiros passos que serão decisivos para a transformação da forma de dizer, que só acontecerá a partir da década de 1990.

Nesse aspecto, em que não se descartam as forças de grupos hegemônicos de poder, é necessário pensar que o Regionalismo, como propriedade básica da literatura brasileira esteve embrionariamente, ligado à geografia, portanto, não sustenta as discussões que estamos propondo aqui, mas constitui ponto de partida para a revisão, tanto dos conceitos, quanto da postura crítica.

No ensaio de Néstor Canclini (2003), o estudioso argentino modifica a forma de tratar a identidade e a cultura, relativizando os conceitos. Lançando mão de uma abordagem interdisciplinar e intercultural, Canclini tenta compreender o diálogo entre as culturas erudita, popular e de massa, como já havia pensado em *Socialização da arte*, estabelecendo o esforço de afirmar o fenômeno da “hibridação” cultural nos países latino-americanos. Dessa forma, a cultura é pensada na complexidade das relações da forma como se configuram na modernidade, o que para ele “não terminou de chegar”. Sem deixar de lado os termos, pretende repensar identidades sob novos pares como sincretismo e criouliização, permitindo-se elaborar as “tensões das diferenças” (CANCLINI, 1984). No entanto é preciso levar em conta que o fenômeno da massificação contemporâneo pode levar a “equívocos culturais” e à proliferação de obras sem valor estético devido à “fraqueza dos públicos e à falta de senso de valores” (CANDIDO, 2006, p. 181).

Em alguns aspectos tais idéias se ligam às de Boaventura Souza Santos, no sentido de que é possível uma postura de “auto-conhecimento” e não só de conhecimento, reacendendo as reflexões e “ultrapassando as fronteiras, o nacionalismo, a língua, a ideologia, as novas identidades regionais e locais” (SANTOS, 2003, p. 22). Por isso, o discurso regionalista acompanha o de identidade(s), não menos polissêmico e fluido, pois no momento de transição paradigmática, é preciso identificar as virtualidades e as dificuldades da sociedade e dos sujeitos, atingindo os modos de conhecer que devem estar ligados à transformação dos modos de organizar a sociedade.

Com tais reflexões, a análise dos diversos processos culturais redefine formas de conflito geradas na interculturalidade recente em meio à decadência de projetos nacionais de modernização da América Latina, cujas operações epistemológicas podem ser vistas como recursos para reconhecer o diferente e elaborar as tensões. Nesse aspecto, as fronteiras “porosas” (HALL, 2006) são levadas em consideração. Ou seja, a modernidade descontextualizou a identidade, propondo revisões de paradigmas sobre os discursos e as práticas sociais. Assim, para interrogar a identidade, alguns propõem deslocar a relação colonial, colocando o sujeito **em transição** e no cruzamento das complexidades, na diferença e no choque das identidades. Portanto, são formas de recontextualizar o olhar na direção da reelaboração de idéias cristalizadas, como as que se dão quando se pensa em regionalismos e identidades culturais.

Essa reflexão sobre os movimentos de circulação e inserção de uma estética da identidade nacional abre-se para a constituição do imaginário cultural da literatura para além do hierárquico e homogêneo, na perspectiva do heterogêneo e do plural, rumo à constituição da historiografia histórica e literária. Nessa linha, os textos produzidos em Mato Grosso são discursos que permitem rediscutir o alargamento das fronteiras do que se concebe por cânone, ressignificando o papel das margens na sua reconfiguração

Os *topoi* representativos do que se considera esteticamente **localizado** constroem discursos que orientam (e mesmo determinam) uns sentidos e encobrem outros, produzindo evidências que se ligam em campos de disputa e elaboração constantes. Pois não é pela classificação literária tradicional, nem pela forma estereotipada que esse **local** deve ser trazido como matéria de composição, mas pela universalidade de conceitos que operam a história da sociedade. Então, as compreensões são variáveis e recosturam diferentes formas de dizer e fazer.

Ao discutir sobre os discursos culturais que redesenham práticas humanas nos espaços contraditórios, há uma tentativa de ressignificação das diferenças. As representações literárias que constituem os não-lugares dos discursos homogêneos criam gestos de interpretação do sujeito em espaços que modificam o “modo de falar” sobre literatura, regionalismo e identidade (CANCLINI,

2003), traçando caminhos para compreender os conceitos, no sentido de reencaminhá-los por um sistema plural de significação, no trânsito das figuras complexas de diferença e identidades que contribuem para a construção de imagens e estereótipos. Nesse sentido, é preciso analisar as convergências dos fatores locais, ao mesmo tempo nacionais e universais que identificam uma literatura brasileira autônoma (CANDIDO, 1997) que vai da noção de fundação à pluralização dos sistemas posturas individuais e coletivas que, hoje, se processam em redes de pesquisa, abarcando infinitos modos de “pescar” as variedades.

As fases pelas quais tem passado a produção cultural em Mato Grosso podem ser compreendidas, grosso modo, por momentos significativos e que merecem cuidadoso estudo. O primeiro momento, da formação, parece ser fundamental para a compreensão da manutenção do ranço colonial dos primeiros textos de criação - louvação dos ilustres, isolamento e exotismo da terra. Ressaltam-se neste rol, os relatos dos cronistas e das expedições científicas^{iv} que compreendo juntamente com aqueles que os tratam como **textos de fundação** da imagem de um Brasil interior que se queria conhecido e explorado e que Antonio Candido examinou como “ralas e escassas manifestações sem ressonância, mas que estabelecem um começo e marcam posições” de uma cultura em formação que auxiliam na compreensão do seu aspecto literário (CANDIDO, op. cit., p. 15).

Num segundo momento, de esboço de um “sistema literário” envolve uma “consciência de grupo” (CANDIDO, ibidem) liderado, principalmente, por integrantes da Academia Mato-Grossense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. Nesse aspecto é importante verificar a função dos periódicos em número considerável que foram responsáveis pela circulação dos folhetins que adquiriram características diferenciadas, “atestando total independência do perfil consagrado do gênero nos grandes centros mundiais de cultura: Paris e Rio de Janeiro” (NADAF, 2002, p. 207). Nesse período surgem os primeiros romances: *Luz e sombras*, de Feliciano Galdino de Barros (1917), *Mirko*, de Francisco Bianco Filho (1927), *Piedade*, de José de Mesquita (1928) e *Era um poaieiro*, de Alfredo Marien (1944). Tal literatura apresenta aspectos de “retardamento que são normais”, significando simplesmente uma “demora cultural”. Nesse caso, a diversidade local produz uma espécie de “legitimação da influencia retardada, que adquire sentido criador” (CANDIDO, 2006, p. 180-1). Personagens e espaços emblemáticos configuram a necessidade de discutir questões sociais e de gênero humano, levando-se em conta o valor estético.

Nesse ponto da reflexão cabe uma pergunta: Em Mato Grosso, a que leitor o gênero mais popular (o romance) servia? Em que medida os textos foram publicados nos folhetins? Estariam voltados para a construção de uma cultura válida? Pois, ainda trazendo Antonio Candido, “quem escreve, contribui e se inscreve num processo histórico de elaboração nacional” (CANDIDO, 1997, p. 17), mesmo que esse nacional não seja tão reconhecido nem pelo próprio local^v.

Conclusão

Finalmente, o momento de construção da crítica acadêmica fomentada pelos Programas de Pós-graduação das universidades públicas e por pesquisadores que dão visibilidade à produção interna. O exemplo mais significativo encontra-se no conjunto da obra poética de Manoel de Barros, a prosa-porosa de Ricardo Guilherme Dicke, Lucinda Persona, Tereza Albuês, dentre outros, aliado à revisitação de obras raras (como os romances das primeiras décadas do século XX citados acima), num esforço conjunto UNEMAT e Academia Mato-grossense de Letras, visando à revisão da historiografia e da crítica literária brasileira nas interfaces do discurso latino-americano.

Tais textos são constitutivos dos sentidos **sobre** o Brasil e formam os arquivos que se fazem não só pelo registro e guarda de documentos, mas com diferentes “gestos de leituras” necessários à construção do fazer literário, definitórios dos caracteres do valor e da função das obras.

Então é necessário destruir as realidades bem constituídas em nosso imaginário como “sertão bruto”, “inculto povo”, “longínquos rincões”, como propõe Benedict Anderson que se volta para o estudo das nações sem a noção de pertencimento, mas num processo de “desterritorialização”,

ligando o conceito de nacionalidade à “comunidade imaginada”, no sentido de criação de novas formas de construção. Dessa maneira, nega-se a verdade absoluta e o texto sacralizado, pois os acontecimentos co-existem no mundo e são compartilhados (ANDERSON, 1983) pelas condições de produção entre países considerados de margem que fizeram (e continuam a fazer) sentidos.

Uma via de acesso se abre nesse caminho aqui questionado: pensar a produção literária brasileira produzida em Mato Grosso de forma translocalizada, ou seja, sem adjetivá-la, mas no sentido plural dos deslocamentos e das significações, possíveis pelas mudanças dos sistemas operacionais com os quais se opera. Acredito que não é apenas aliar-se e/ou discutir os conceitos que surgem nas variadas linhas de discussão teórica, mas re-descobrir o papel do intelectual nas instituições de ensino, sem a persistência da *forma*, ou como diz Maiakovski (citado por Abdala Júnior), as *formas revolucionárias*, não a repetição delas. Enfim, os variados setores da dinâmica sócio-histórica e cultural, como a que propõe este evento na tentativa de compreender a unidade nas diversidades com as quais o mundo tem operado suas transformações.

Referências bibliográficas

ANDERSON, Benedict [1983]. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

CANCLINI, Néstor G. *A socialização da arte*. São Paulo: Cultrix, 1984.

_____. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Trad. Heloiza Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. São Paulo: Edusp, 2003.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 2 volumes. 8 ed. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Itatiaia, 1997.

_____. Literatura e subdesenvolvimento. In: *A educação pela noite*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006 (169-196).

_____. *Iniciação à literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007.

HALL, Stuart [1992]. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz T. Silva & Guacira L. Louro. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LEITE Mário César Silva. Literatura, regionalismo e identidade: cartografia mato-grossense. In: _____ (Org.). *Mapas da mina: estudos de literatura em Mato Grosso*. Cuiabá-MT: Cathedral Publicações, 2005 (219-254).

MAGALHÃES, Hilda G. D. *História da literatura de Mato Grosso: século XX*. Cuiabá-MT: Unicen Publicações, 2001.

MENDONÇA, Rubens [1970]. *História da literatura mato-grossense*. 2 ed. Especial. Cáceres-MT: Ed. UNEMAT, 2005.

NADAF, Yasmin Jamil. *Rodapé das miscelâneas: o folhetim nos jornais de Mato Grosso (séculos XIX e XX)*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2002.

PÊCHEUX, Michel. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, Eni P. (Org.). *Gestos de leitura da história no discurso*. Trad. Bethania Mariani [et alii]. Campinas: Ed. UNICAMP, 1994.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Vira e mexe, nacionalismo: paradoxos do nacionalismo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

PÓVOAS, Lenine C. *História da cultura mato-grossense*. Cuiabá-MT: Ed. do autor, 1982.

SANTOS, Boaventura Souza. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. 9 ed.

São Paulo: Cortez, 2003.

RAMA, Angel. Regiões, Culturas e Literaturas. In: AGUIAR, Flávio & VASCONCELOS, Sandra G. T. *Angel Rama: literatura e cultura na América Latina*. São Paulo: Edusp, 2001 (281-336).

-
- ⁱ O título desta comunicação me foi sugerido pelos próprios questionamentos da ementa do Simpósio ABRALIC “Cânone e anti-cânone: a hegemonia da diferença”, coordenado por Betina Ribeiro Rodrigues da Cunha (UFU), Mário César Silva Leite (UFMT) e Paulo Sérgio Nolasco dos Santos (UFGD).
- ⁱⁱ Professora Doutora do Departamento de Letras e do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários – PPGE, da Universidade do Estado de Mato Grosso. E-mail: olgmar007@hotmail.com
- ⁱⁱⁱ Conferência em Tangará da Serra-MT, durante o EMEL/COLE, junho/2011.
- ^{iv} Em *História da cultura mato-grossense*, Lenine Póvoas propõe essa divisão na primeira fase da produção colonial em Mato Grosso (Cf. PÓVOAS, 1982, p. 19-31).
- ^v O fenômeno do desconhecimento da produção local é um aspecto a que tenho me dedicado nos últimos anos, basicamente para construir acervos e propor os diferentes “gestos de leitura” do arquivo (PÊCHEUX, 1994).